

# A Cultura Popular Portuguesa e a Construção do Folclore Nacional



**Clara Sarmento**  
**Centro de Estudos Interculturais**  
**Instituto Politécnico do Porto**

“A Cultura Popular Portuguesa e a Construção do Folclore Nacional” estuda um objecto – o barco moliceiro da Ria de Aveiro – e o discurso por ele evocado, enquanto representação, invenção e re-invenção da cultura popular de uma região portuguesa. Contudo, esta comunicação pretende também ver através do objecto, isto é, “atravessar a [sua] opacidade inoportuna”, tal como propõe Michel Foucault em *A Arqueologia do Saber*.

O barco moliceiro da Ria de Aveiro e os seus painéis decorativos, mais do que um caso de tradição *versus* modernidade, constituem uma representação da identidade cultural de uma comunidade intimamente ligada ao ecossistema lagunar. Os tradicionais painéis do barco moliceiro são representações simbólicas intersemióticas dos valores, práticas e representações partilhadas pela comunidade local.

Os textos icónicos e escritos patentes em cada barco são produto de uma rede de circunstâncias políticas, ideológicas, sociais e económicas, dificilmente reconhecidas mesmo por aqueles que desenham, pintam e escrevem (e vivem) sob a sua influência. Mas ao longo do século XX, o moliceiro e seus painéis participaram numa complexa dialéctica entre as representações do discurso oficial e a sua real função social, económica e simbólica, gerando todo um imaginário histórico, toda uma recriação folclórica, todo um “inventário” (cf. Gramsci) que motivou, contextualizou e sustentou esta forma única de arte popular.

# **A Cultura Popular Portuguesa e a Construção do Folclore Nacional**



**Clara Sarmento**  
**Centro de Estudos Interculturais**  
**Instituto Politécnico do Porto**

**I. Introdução.**

**II. A Cultura Popular e o Estado Novo.**

**III. Ensino e Cultura Oficial: Poder *versus* Resistência.**

**1. Influência da Ideologia Oficial.**

**2. Elementos de Resistência Cultural.**

**[IV. A Cultura do Moliceiro no Presente: Encenando a Tradição.]**

**V. Conclusão.**

## I. Introdução.



Barco Moliceiro na Ria de Aveiro (2002).

## Classificação Temática e Subtemática

### Jocosos:

Eróticos (Homens e Mulheres)

Instituições

Figuras Típicas

Trabalho

### Religiosos:

Cristológicos

Marianos

Hagiográficos e Votivos

### Sociais:

Trabalho

Varinas e Varinos

Mestres Moliceiros, Barqueiros e Pintores

Apelos Ecológicos e Celebração do Património

Festas e Cerimónias

Declarações e Sentenças

### Históricos:

Monarcas e Personagens da História

Descobrimientos

Escritores

Soldados e Cavaleiros

### Lúdicos:

Personagens do Imaginário e Lazer.





“Uma população que pinta os seus barcos e os lança às águas de uma laguna elabora um álbum de imagens através do qual exprime a sua visão do mundo”.

Claude Rivals, “Peintures des Moliceiros d’Aveiro (Portugal): Culture et Arts Populaires”, *Revue Géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest*, 1988.

## II. A Cultura Popular e o Estado Novo.



“Every established order tends to produce (to very different degrees and with very different means) the naturalization of its own arbitrariness.”

Pierre Bourdieu, *Outline of a Theory of Practice*, 1977

(...) o que resulta desse trabalho de domesticação e, então, se chama, entre outras coisas, “**folclore**”, é extremamente funcional para a imposição ideológica do Estado Novo, que pode assim contrapor às “derivas” liberais, operárias e urbanas, o modelo da celebração da **nação** rural, da redução do **povo** ao “camponês” – agricultor, pescador ou artesão – redução para a qual, como se sabe, a erudição etnográfica ligada ao regime contribuiu sobremaneira e que, nos anos 30 e 40, não teve pejo em chegar à apologia explícita do “primitivismo” plebeu, analfabetismo, humildade miserabilista, docilidade bovina.

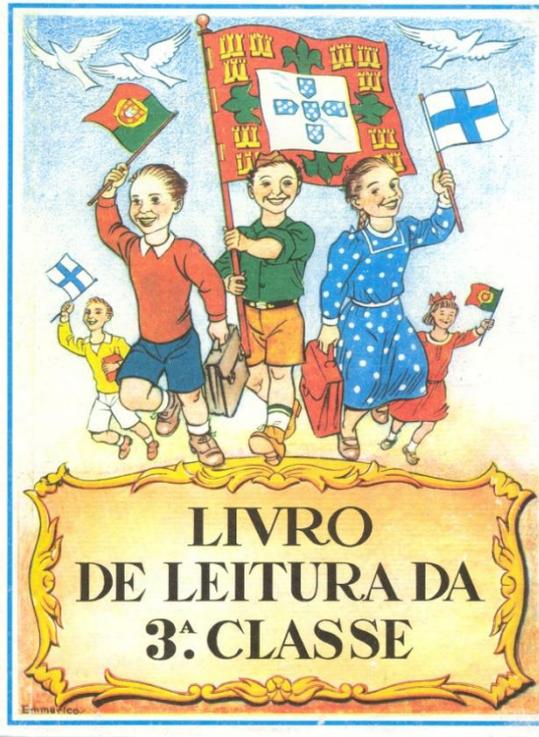
Augusto Santos Silva, *Tempos Cruzados: Um Estudo Interpretativo da Cultura Popular*, 1994

### III. Ensino e Cultura Oficial: Poder *versus* Resistência.

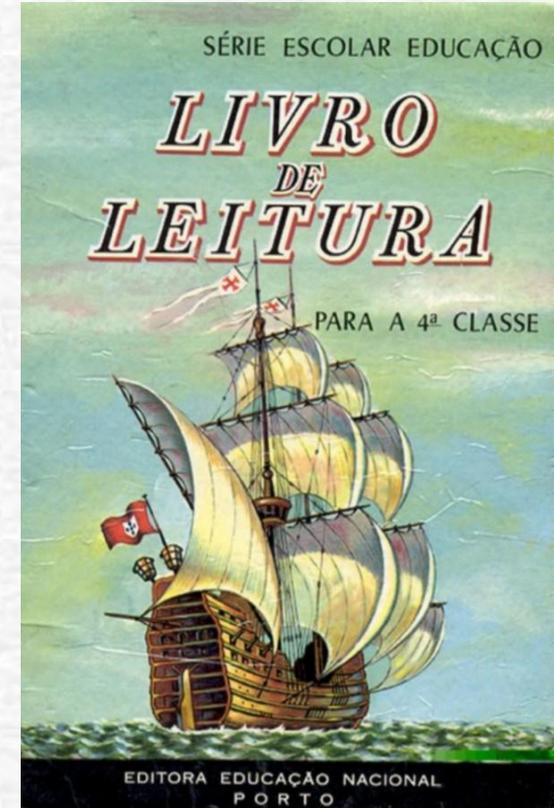
#### 1. Influência da Ideologia Oficial.



Década de 1950.



Década de 1950.



Década de 1960.



“O príncipe dos poetas” (década de 80).

## CAMÕES



Luís de Camões é o príncipe dos poetas de Portugal.

Escreveu uma obra que o impôs à consideração de todos os portugueses e que tornou o seu nome conhecido em todo o mundo: *Os Lusíadas*.

Nesta obra, Camões descreve-nos, em versos cheios de patriotismo, o descobrimento do caminho marítimo para a Índia, realizado por Vasco da Gama, no reinado de D. Manuel I. E ao narrar os principais episódios dessa viagem, o autor

d’*Os Lusíadas* evoca, a propósito, as grandes figuras de heróis que, pelo seu esforço e valentia, engrandeceram Portugal.

Pela elevada lição de patriotismo que encerram, constituem, pois, *Os Lusíadas*, um livro que todos os portugueses devem ler e meditar.

Mas, não foi só grande poeta, Luís de Camões. Distinguiu-se ainda como valente soldado.

Bateu-se corajosamente contra os Moiros em Ceuta, no Norte de África, onde perdeu um dos olhos. Na Ásia, tomou parte em várias expedições contra navios de corsários, tendo lutado sempre com bravura.

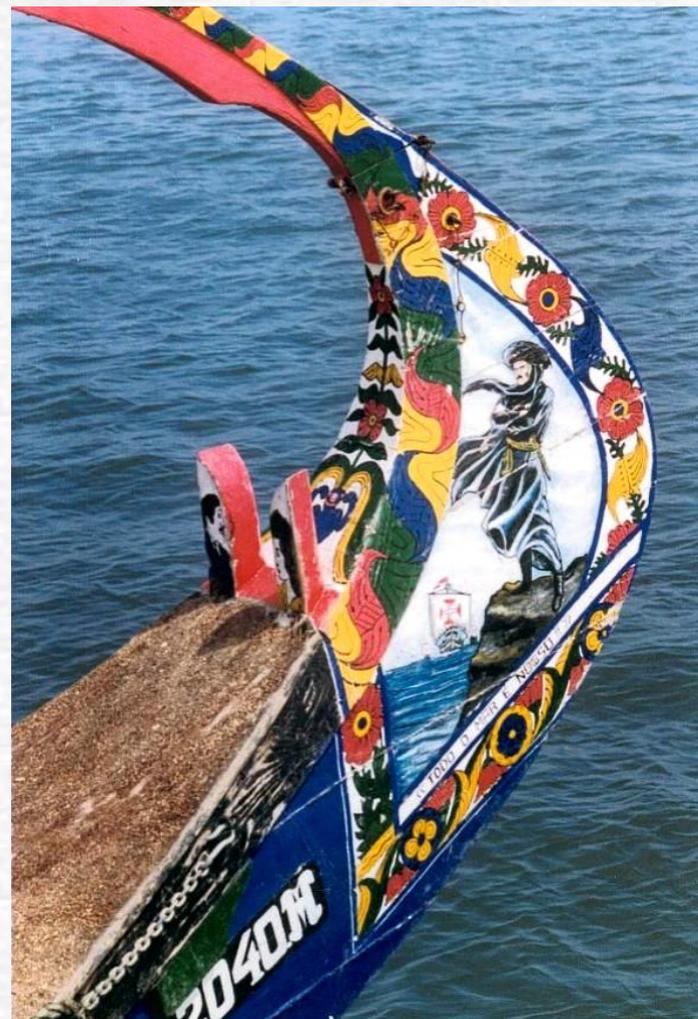
«Para Camões — afirmou um escritor português —, a Pátria estava acima de tudo, e não fez outra coisa, durante a sua vida inteira, senão louvar as virtudes do seu povo e dos seus heróis, ou lutar para a fazer respeitada e admirada de todos».

Por isso, levantou-lhe o povo português uma estátua, em Lisboa. Por isso, todos os anos, o dia 10 de Junho, data da morte do poeta, se guardá como feriado nacional.

Texto “Camões”, livro de leitura da 4ª classe (1960).



Livro de leitura da 3ª classe (1950).



“Todo o mar é nosso” (década de 80).



“Caridade e amor, Rainha da Paz”  
(década de 90).



Livro de leitura da 1ª classe (1950).



Morte e milagre de Santa Joana de Aveiro,  
livro de leitura da 3ª classe (1950).



Santa Joana de Aveiro (década de 90).



“Orgulho de mãe”, livro de leitura da 3ª classe (1950).



“Luar de Janeiro”, livro de leitura da 3ª classe (1950).

## UMA BOA ACÇÃO

No fim do Outono, os habitantes do campo, principalmente os que são pobrezinhos, vão pelas matas e pelos pinhais apanhar as folhas e os ramos secos que se desprenderam das árvores, a fim de terem com que acender o lume no Inverno.

José, rapaz de doze anos, alto e forte para a sua idade, foi passear pelos pinhais num desses dias.

Entre as várias pessoas que apanhavam lenha, viu ele uma velhinha dos seus setenta anos, que, muito a custo, juntou lenha e fez um molho, e que, ainda muito a custo, o pôs às costas para o levar para casa. A velha, alquebrada pelos anos, metia dó.

José foi ter com ela, pegou-lhe no molho e levou-lho a casa.

A velhinha, sensibilizada, agradeceu-lhe com voz trémula, e disse-lhe que essa boa acção lhe traria felicidade.

José respondeu que ela não tinha nada a agradecer.

*Adaptação*



Livro de leitura da  
4ª classe (1960).

“Uma boa acção”  
(década de 80).

“Quem me dera ser nova”  
(início da década de 60;  
fonte: Arquivo Municipal de Aveiro).



“Diferentes na cor, mas somos iguais na pátria”  
(inícios da década de 70).

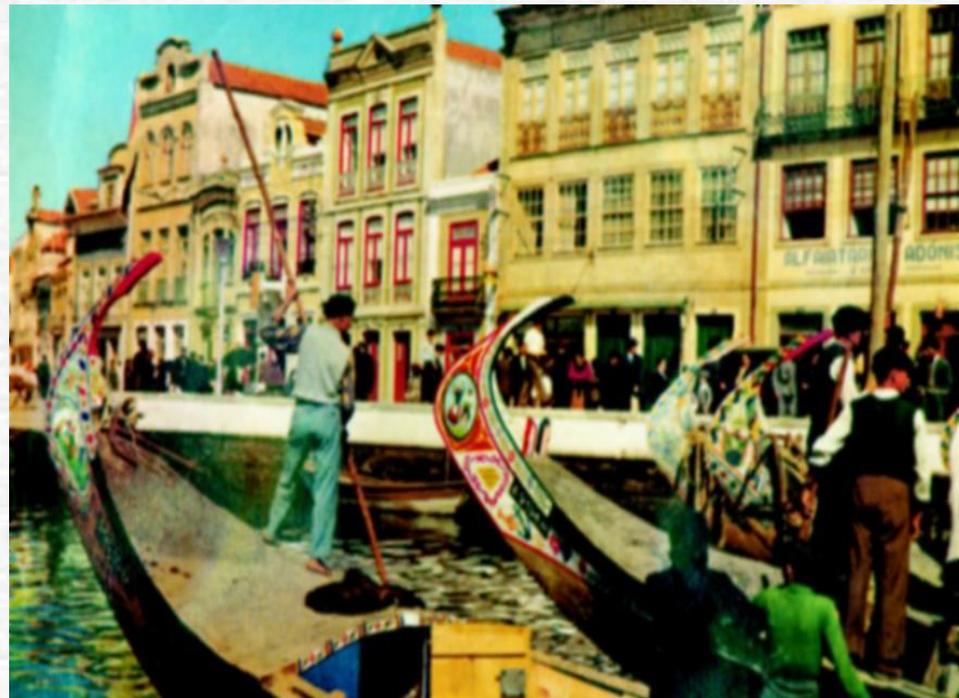


“Dois portugueses”,  
livro de leitura da 4ª classe (1960).

Os 3 vencedores do 1º Concurso de Painéis  
de Moliceiros, Março 1954  
(fonte: Centro Português de Fotografia).



4 moliceiros a concurso, Abril 1962  
(fonte: Centro Português de Fotografia).



### III. Ensino e Cultura Oficial: Poder *versus* Resistência.

#### 2. Elementos de Resistência Cultural.



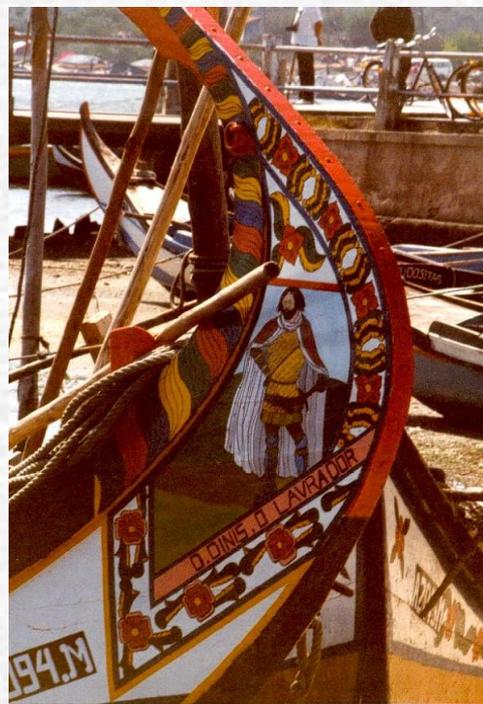
Celebração de construtor naval local (2001).



Camponês em cavalo branco (1955; fonte: Centro Português de Fotografia).



“Dinheiro também é esmola”  
(década de 40; fonte:  
Centro Português de Fotografia).



“D. Dinis, O Lavrador”  
(década de 80).



“Sempre defendi a pátria”,  
Rei D. Carlos, década de 60.

“A varina da Murtosa”  
(década de 80).



“A rainha das varinas” (década de 60).



“O aniversário da mãe”, livro de leitura da 3ª classe (1950).



“Já vendestes Roza?”  
(década de 50).



“Não ha bacalhao”  
(inícios da década de 70).



“Damos de beber à dor” (década de 80).



“Não há pipo que resista” (finais de 70).



#### IV. A Cultura do Moliceiro no Presente: Encenando a Tradição.



Painéis jocosos eróticos (2003-2004).

“Que Deus vos guie pescadores” (2002).



“Velhos tempos na Terra Nova” (1999).



“Fisca Manel, que há bom peixe!” (finais de 80).



“Queres fazer um intervalo?” (1998).



“Em Portugal os burros falam” (década de 90).

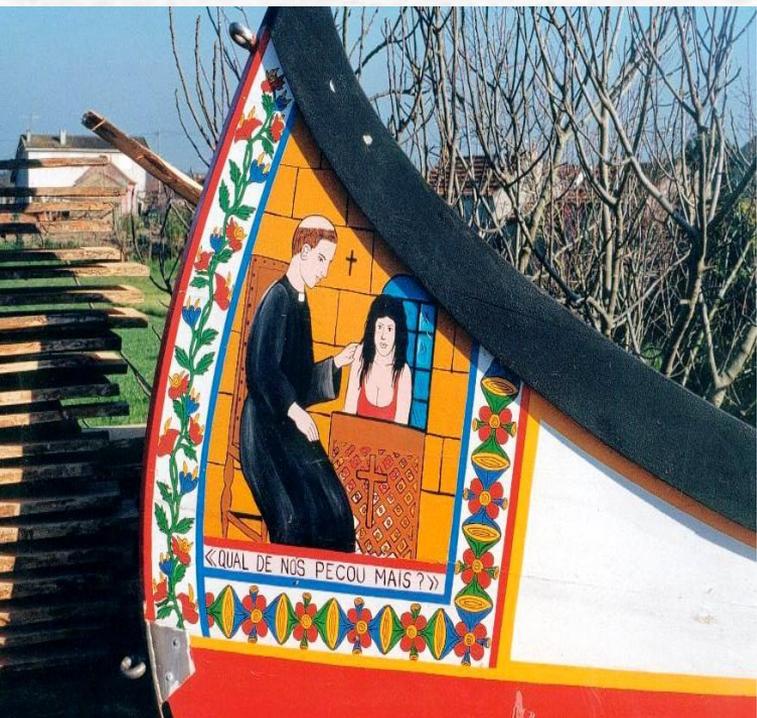


“É tradição não há balão” (2002).

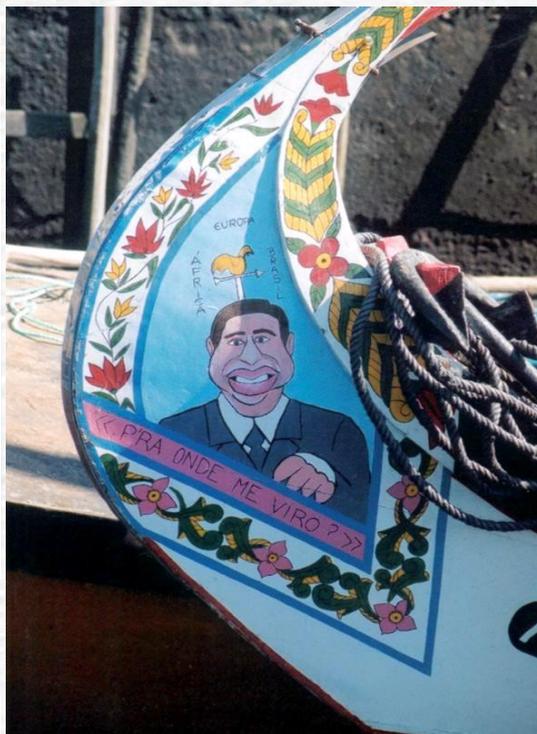


The essential ambivalence of the world-upside-down permits, according to the circumstances, those satisfied with the existing or traditional social order to see the theme as a mockery of the idea of changing that order around [...] the purely playful fantasies involving animals function as a masking mechanism for the dangerous, vindictive, anarchic, ‘childish’, but otherwise suppressed or unconscious desires which are embedded in the less than impossible human reversals.

David Kunzle, “World Upside Down: The Iconography of a European Broadsheet Type”, *The Reversible World: Symbolic Inversion in Art and Society*, Ithaca: Cornell University Press, 1978, pp. 82 e 89.



“Qual de nós pecou mais?”  
(1998).



“P’ra onde me viro?”  
(António Guterres, 2002).



“Fama sem proveito”  
(Mário Soares, 2002).



“Quem manda no Porto sou eu!” (2006).



“Viva a nossa seleção!”  
(2004).



“Queremos Ecu!!!” (inícios da década de 90).



“Que grande barrancada!!” (2003).



“Big Bráder: O cheiro da vida real” (2002).



“Colina do Sol: O moliceiro no Brazil” (2000).

## V. Conclusão.

- As culturas populares tendem a ser definidas como culturas de grupos sociais subalternos, construídas numa situação de dominação, num esforço de resistência. Mas a cultura popular, mais do que um modo de resistência permanente e sistemático, é antes um conjunto de formas de conviver com essa dominação (Grignon e Passeron, 1989).
- Alguns objectos da cultura popular, como o moliceiro e seus painéis, são rearticulados de forma a produzir significados oposicionais, levando a cabo formas de resistência simbólicas.
- A cultura popular será antes uma área de negociação, onde valores e elementos culturais e ideológicos dominantes, subordinados e oposicionais são ‘misturados’ em diferentes permutas.
- “O ponto de partida da elaboração crítica é a consciência do que se é realmente, e é ‘conhecer-se a si mesmo’ enquanto produto do processo histórico, que depositou no indivíduo uma infinidade de traços, sem deixar um inventário” (Antonio Gramsci, *Prison Notebooks*, 11,1,i).
- Os textos escritos e icónicos patentes em cada barco moliceiro são produto de uma rede de circunstâncias políticas, ideológicas, sociais e económicas dificilmente detectáveis e muitas vezes demasiado distantes ou dadas como adquiridas para serem criticamente reconhecidas, mesmo por aqueles que desenharam, pintaram, escrevem (e vivem) sob a sua influência.
- Mais do que provas de ‘tradição’ ou ‘resistência’, objectos como o moliceiro são representantes da identidade cultural e do património de uma comunidade local intimamente ligada a um ecossistema específico, como a Ria de Aveiro. Neste caso, os painéis do moliceiro funcionam como representações simbólicas inter-semióticas dos valores, práticas e representações partilhadas pela comunidade.

## **Bibliografia:**

- Bakhtin, M. (1984) *Rabelais and His World*, Bloomington: Indiana University Press.
- Barthes, R. (1997) *Mitologias*, trans. José Augusto Seabra, Lisbon: Edições 70.
- Bourdieu, P. (1977) *Outline of a Theory of Practice*, trans. Richard Nice, Cambridge: Cambridge University Press.
- De Certeau, M. (1980) *L'Invention du Quotidien: 1 – Arts de Faire*, Paris: Union Générale d'Éditions.
- Dias, J. (1961) *Ensaio Etnológicos*, Lisbon: Junta de Investigação do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais.
- Foucault, M. (1972) *The Archaeology of Knowledge*, London: Tavistock.
- Gramsci, A. (1971) *Selections from the Prison Notebooks*, London: Lawrence and Wishart.
- Gramsci, A. (1976) *Escritos Políticos*, trans. Manuel Simões, Lisbon: Seara Nova.
- Grignon, C. and Passeron, J. C. (1989) *Le Savant et le Populaire: Misérabilisme et Populisme en Sociologie et en Littérature*, Paris: Gallimard – Le Seuil.
- Hobsbawm, E. (1973) 'Peasants and Politics', *Journal of Peasant Studies*, 1, pp. 3-22.
- Hobsbawm, E. and Ranger, T. (eds.) (1983) *The Invention of Tradition*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Kunzle, D. (1978) "World Upside Down: The Iconography of a European Broadsheet Type", *The Reversible World: Symbolic Inversion in Art and Society*, Ithaca: Cornell University Press.
- Ministério da Educação Nacional (1958) *Livro de Leitura da 3ª Classe*, Porto: Porto Editora.
- Ministério da Educação Nacional (1958) *O Livro da Primeira Classe*, Porto: Editora Educação Nacional.
- Ministério da Educação Nacional (1968) *Livro de Leitura para a 4ª Classe*, Porto: Editora Educação Nacional.
- Paulo, H. (1994) *Estado Novo e Propaganda em Portugal e no Brasil: o SPN/SNI e o DIP*, Coimbra: Minerva.
- Rivals, C. (1988) "Peintures des Molicieiros d'Aveiro (Portugal): Culture et Arts Populaires", *Revue Géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest*, tome 5, fasc. 2-3.
- Sarmiento, C. (2008) *Cultura Popular Portuguesa: Práticas, Discursos e Representações*, Porto: Afrontamento.
- Scott, J. C. (1990) *Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts*, London and New Haven: Yale University Press.
- Silva, A. S. (1994) *Tempos Cruzados: Um Estudo Interpretativo da Cultura Popular*, Porto: Afrontamento.